Arte | Educação | Performance
*Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura*

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

# TRANSCRIANDO O ARQUIVO DA DOCÊNCIA: INVENÇÕES (PO)ÉTICAS DE UM DIDATICÁRIO EM INFINITIVO COM A AMAZÔNIA

## TRANSCREATING THE ARCHIVE OF TEACHING: (PO)ETHICAL INVENTIONS OF A DIDACTICARIUM IN THE INFINITIVE WITH THE AMAZON

## TRANSCREANDO EL ARCHIVO DE LA DOCENCIA: INVENCIONES (PO)ÉTICAS DE UN DIDACTICIARIO EN INFINITIVO CON LA AMAZONÍA

Guilherme Araújo Soares
Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Manaus/AM, Brasil

Maria Ione Feitosa Dolzane
Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Manaus/AM, Brasil

**Resumo**

O texto propõe um pensamento performático sobre a docência, mergulhando como inspiração a filosofia da diferença e a obra de Sandra Mara Corazza, articulada à metodosofia de Corazza e à cartografia de Deleuze e Guattari. Propõe o *didaticário*, de Sandra Mara Corazza, como dispositivo ético-estético-político, vivo e rizomático, que rompe com a lógica normativa e afirma currículos inventivos. Na Amazônia, a docência-artística se contamina de elementos humanos e não humanos, instaurando experimentações de transcriação, escrileitura e artistagem. Um *didaticário* poético de verbos em infinitivo mapeia afectos e ações docentes como linhas de fuga e devires. Ao invés de conclusões, abre passagens para novas experimentações, defendendo o *didaticário* como obra inacabada e como máquina de guerra menor que afirma a educação-vida como criação coletiva, artística e política.

**Palavras-chave***: Didaticário*; Educação; Amazônia.

**Abstract**

The text proposes a performative reflection on teaching, drawing inspiration from the philosophy of difference and the work of Sandra Mara Corazza, articulated with the methodosophy and cartography of Deleuze and Guattari. It proposes Sandra Mara Corazza's didacticarium as a living, rhizomatic ethical-aesthetic-political device that breaks with normative logic and affirms minor and inventive curricula. In the Amazonian context, artistic teaching is contaminated by human and non-human

SOARES, Guilherme Araújo; DOLZANE, Maria Ione Feitosa. TRANSCRIANDO O ARQUIVO DA DOCÊNCIA: INVENÇÕES (PO)ÉTICAS DE UM DIDATICÁRIO EM INFINITIVO COM A AMAZÔNIA . **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, p.1-20, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

elements, establishing practices of transcreation, escrileitura, and artistagem. A poetic inventory of infinitive verbs maps affections and teaching actions as lines of flight and becomings. Instead of conclusions, it opens passages for new experiments, defending the didactic manual as an unfinished work and as a minor war machine that affirms education-life as collective, artistic, and political creation.

**Keywords***: Didacticarium*; Education; Amazon.

**Resumen**

El texto propone un pensamiento performático sobre la docencia, tomando como inspiración la filosofía de la diferencia y la obra de Sandra Mara Corazza, articulada a la metodosofía de Corazza y a la cartografía de Deleuze y Guattari. Se propone el didaticario, de Sandra Mara Corazza, como un dispositivo ético-estético-político, vivo y rizomático, que rompe con la lógica normativa y afirma currículos menores e inventivos. En el contexto amazónico, la docencia-artística se contamina de elementos humanos y no humanos, instaurando prácticas de transcreación, escrilectura y artistaje. Un didaticario poético de verbos en infinitivo mapea afectos y acciones docentes como líneas de fuga y devenires. En lugar de conclusiones, abre pasajes para nuevas experimentaciones, defendiendo el didaticario como obra inacabada y como máquina de guerra menor que afirma la educación-vida como creación colectiva, artística y política.

**Palabras clave**: *Didaticário*; Educación; Amazonía.

## Entre o *didaticário*, a docência e a(s) Amazônia(s)

> *Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador.*
> *Clarice Lispector (1984, p. 191)*

O texto, dotado de um teor performático, inscreve-se na metodosofia e na cartografia como forças que nos impulsionam a pensar a docência pelo subverso: no acontecimento, no ofício de ensinar, na arte de aprender, na criação como movimento vitalista. Utilizamos o *didaticário* para nos deslocarmos neste encontro, compreendido, conforme Sandra Mara Corazza (2012, p. 15), como "[...] um estado, qualidade, quantidade, forma, acervo, coletânea, lugar – no qual é guardada, acondicionada, armazenada uma composição de didáticas". Com aportes da Filosofia da Diferença-Educação, a discussão organiza-se em três eixos: a) o

Volume 2026
ISSN 2319-0868

método *didaticário* de força corazziana, que toma as matérias como invenção poética, por meio das escrileituras; b) a docência-artística, que se transcria com a vida amazônida; c) a problemática: o que pode a criação coletiva de um *didaticário* em infinitivo na educação amazônida?

Nesse contexto, o texto transita entre esses três eixos para dar a ver a invenção poética de um *didaticário* que (trans)cria sentidos e se ativa como força tecelã de uma criação autoeducativa, afirmando-se no interior do currículo amazônico. Trata-se de um processo no qual a docência é engendrada por invenções poéticas e oníricas, diferenciando seus mapas por meio de uma crítica-clínica do pensar, do escrever e ler (escrileitura), do educar e do viver.

Os movimentos que compõem esse *didaticário* correspondem a "[...] um movimento do pensamento, uma direção tradutória dos atos curriculares – por si próprios, transcriadores de elementos artísticos, filosóficos e científicos" (Corazza, 2015, p. 108). É nessa poética acontecimental que se enuncia a problemática que nos move: o que pode a criação coletiva de um *didaticário* em infinitivo na educação amazônida? Tal questão inscreve-se na perspectiva da docência-artística, concebendo-a como força criadora que resiste às capturas normativas e aos julgamentos binários da "boa professoralidade", que insiste em delimitar o certo e o errado na prática docente (Corazza, 2012). Nessa articulação entre educação amazônida e artistagem (como prática docente inventiva que aproxima arte e educação), emergem forças de resistência que instauram uma micropolítica do desejo, tensionando as prescrições do Currículo Maior e abrindo passagem para currículos menores (Paraíso, 2023).

O conceito de arquivo é assumido como um corpo vivo, em permanente reinvenção, pensado à luz da noção de transcriação, conforme Haroldo de Campos (2011). Transcriar significa, como afirma o autor, que "[...] não se traduz o que é linguagem em um texto, mas aquilo que nele escapa à linguagem" (Campos, 2011, p. 11), operando deslocamentos, recriações e reinvenções. Nesse sentido, o arquivo constitui-se como um campo móvel de possibilidades, no qual o sentido se dobra, se torce e se multiplica. É nesse movimento que o *didaticário* reafirma sua dimensão de experimentação, constituindo-se como prática de (trans)criação.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Nessas conexões, reverberamos com Corazza (2020), para quem a metodosofia se apresenta como uma força que se contrapõe ao logos de todo método que conduz, reiteradamente, a caminhos já conhecidos. Ao mesmo tempo, torce a língua, tensiona as palavras e faz vibrar os acontecimentos da pesquisa em educação. Trata-se de "[...] um tipo de sabedoria plena de afectos e perceptos, literatura e arte, ciência e filosofia" (Corazza, 2020, p. 22). Assim, os elementos que impulsionam a escrita evidenciam a assinatura performativa do *didaticário*, instaurando um modo de pesquisar que se faz na própria criação.

O encontro com os/as docentes ocorreu em formato de oficina-experimentação, concebida como espaço coletivo de produção de pensamento e (trans)criação. Foi atravessado por conversas, narrativas de experiências, registros escritos, produções imagéticas e proposições didático-criativas, compondo um campo heterogêneo de materialidades. Desse modo, a natureza dos dados constituiu-se como um conjunto de rastros produzidos por falas, afetos, gestos, anotações e composições coletivas, evidenciando deslocamentos do pensamento.

Trata-se de um percurso orientado pela cartografia, conforme proposto por Deleuze e Guattari (1995), no qual o pesquisar se dá pelo acompanhamento dos processos. Este texto apresenta um recorte de uma dissertação de mestrado, disparado por um encontro alegre que, à luz de Spinoza (2019), potencializa a potência de agir e de pensar. A investigação, assim, se ancora nos movimentos que emergem ao longo da experimentação.

Durante o percurso investigativo, participaram quatro docentes da educação básica da cidade de Manaus, vinculados à Escola Liceu Carnot (nome fictício, adotado em conformidade com os critérios éticos da pesquisa). Os encontros ocorreram ao longo de cinco meses, constituindo um espaço contínuo de experimentação, partilha, criação coletiva. Para fins analíticos, destacamos, aqui, um encontro específico, compreendido como um momento de condensação e intensificação dos processos vivenciados.

Nesse contexto, o *didaticário* foi produzido coletivamente como um dispositivo de criação, emergindo das afetações vivenciadas pelos docentes ao longo do encontro. A análise dos materiais produzidos (falas, escritos, imagens e o próprio *didaticário*) foi conduzida a partir da identificação de recorrências e intensidades que

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

se fizeram presentes no acontecimento. Tais elementos foram organizados em eixos interpretativos, possibilitando compreender os deslocamentos produzidos na docência. Desse modo, o *didaticário* configurou-se como um exercício de (trans)criação, mobilizando a invenção de palavras, conceitos e práticas que fazem emergir outros modos de experimentar, olhar, pensar, sentir e produzir a docência-artística.

## O *didaticário* em (trans)criação

É devido à sua condição "para-e-didática" que Corazza (2012), desde o próprio título de sua obra, acrescenta o sufixo '*-ário'* à palavra didática, convertendo-a em *didaticário*. Um *didaticário* é um estado, uma qualidade, uma forma viva, um arquivo em fluxo, um acervo que se abre à (trans)criação. É um lugar em movimento, um plano de imanência onde se guardam e se reinventam composições de didáticas (Corazza, 2012; 2015). Composições que se fazem no tempo, no acontecimento, no transcurso cotidiano da vida de um/a professor/a, equivalendo, assim, a uma existência inteira, tratando do ofício de ensinar e da arte de aprender, num gesto recíproco e indiscernível: ensinar-aprendendo ou aprender-ensinando.

"Como tornar interessantes e notáveis ideias já criadas, levando-as a vivificar outros devires, em cenários da educação amazônida, mesmo ao preço de voltá-las contra si mesmas?", eis a pergunta que reverbera como linha de força. O *didaticário* convoca a liberação das forças vitais dos/as escrileitores/as, neste caso, pesquisadores/as e professores/as, onde quer que estejam represados/as, para reencontrarem sua virtualidade, operando a desestratificação das camadas sedimentadas de saber, poder e subjetividade. Trata-se de um fluxo que, conforme Corazza (2015, p. 118),

> Amplia os repertórios curriculares, ao reler e reescrever, transladar e reexperimentar os acervos artísticos, filosóficos e científicos, ou aqueles que foram marginalizados ou falsificados; os quais, graças a ela, seguem vivos e ativos, em seus veios de criação. Faz com que estabeleçamos – com os alunos, entre nós e com os saberes –, um tipo autoral de vice-dicção, com lances inventivos, que não deixam os textos e os discursos assumirem um aparato estático e definitivo; mas os obriga a permanecer em movimento labiríntico, abertos e cambiantes, carreando novos problemas e enunciações.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Nessa inspiração, com Corazza (2015), o *didaticário* configura-se como um dispositivo ético-estético-político, concebido por Corazza (2012), que reúne ideias, devires (movimentos de transformação) e composições didáticas orientadas pela diferença. Trata-se de um território movente no qual a docência se afirma como potência criadora, atravessada por forças que escapam à forma e à representação. Movidos pela filosofia da diferença (Deleuze; Guattari, 2010), bem como pela literatura e pela arte, o *didaticário* desloca a imagem do/a professor/a como mero/a transmissor/a de conteúdos, (re)inscrevendo-o/a como artista-tradutor/a, aquele/a que reinventa, dobra, traduz e (trans)cria.

Ao nos encontrarmos com Corazza em seus escritos, deparamo-nos com conceitos-ferramentas que agenciam a criação do *didaticário*:

A) Didática da Criação: a aula como lugar de repetições. Em Corazza, pulsa a aula como acontecimento. Não se trata de um "ensinar o mesmo", mas de arriscar-se ao novo, desterritorializando clichês e abrindo espaço para o impensado (Corazza, 2015). A docência, assim, torna-se gesto de invenção, ato poético-político, uma experiência de criação imanente que extrai forças do caos para fazer emergir um plano de composição.

B) Transcriação: conceito vital em Corazza (2015), em ressonância com Haroldo de Campos (2011). Transcriar não se reduz a traduzir; trata-se de fazer vibrar o não-dito, de diferir e de engendrar aquilo que ainda não existia. É um gesto ético, estético e político que torce, dobra e reinventa os sentidos, como enfatiza Corazza (2013). Nesse horizonte, o arquivo não é fixidez, mas constitui-se como fluxo, em permanente transcriação, agenciando devires no escriler.

C) Aulas-Sonho: a aula como obra-sonho, fabulação, ficção que se tece antes mesmo de acontecer. O/a professor/a torna-se um/a sonhador/a de aulas, criador/a de mundos, inventor/a de devires no corpo da sala (Corazza, 2019). Ensinar é sonhar em ato, é fazer do espaço da aula um plano de composição aberto, um laboratório de possíveis.

D) Escrileituras: palavra-invenção que funde escrever e ler em um mesmo gesto, num mesmo acontecimento (Corazza, 2008). Ao escriler, lê-se escrevendo e escreve-se lendo, em um movimento contínuo onde o ato se desdobra no outro. Cada texto configura-se como um campo de experimentação, um mapa que se traça

no próprio fazer. Assim, as escrileituras tornam-se práticas de resistência, inseparáveis da vida, da arte e da criação.

O *didaticário* movimenta-se, assim, como uma proposta que tensiona e desloca a lógica representacional da educação hegemônica. Instaura uma didática-artista (uma didática menor) que opera pela diferença, pela criação, pela transcriação. Nesse movimento, convida docentes a assumirem o risco e a alegria de (trans)criar, transformando a sala de aula em um território vivo, atravessado por linhas de fuga. Na Amazônia, tal intensificação ganha contornos singulares, nos quais a conexão entre docência e artistagem se fricciona e faz pulsar a docência-artística. Suas potências emergem em um território atravessado por corpos, rios, florestas e cidades, compondo mapas errantes que se mantêm em constante tensão com a macropolítica e suas tentativas de captura.

O *didaticário* é encontro, abertura, liberdade, ou, como em João Guimarães Rosa (2006), uma travessia. Travessia que se faz entre corpos, vidas, artes e educações, em um plano movente. Nele, a diferença afirma-se como princípio, e a (trans)criação, como força vital. É nesse espaço coletivo de composição que a docência-artística encontra sua potência vitalista de inventar mundos, desfazer estratos, desterritorializar práticas e afirmar o que pode a educação amazônida. O *didaticário* que movimentamos constitui-se como um corpo vivo, um agenciamento que respira em potência com os/as professores/as, abrindo-se ao acontecimento. Consiste em criar linhas de fuga que façam circular devires, afetos, intensidades, signos, pensamentos, produzindo passagens nas quais a docência-artística possa diferir de si mesma, tornando-se outra, sempre outra, na Amazônia.

## Docência artística entre a vida amazônida

Nos caminhos desse rio
Muita história pra contar
Navegar nessa canoa
É ter o mundo pra se entranhar
(Caminhos de Rio — Raízes Caboclas)

Nesta seção, analisamos como os encontros com docentes em Manaus possibilitaram a emergência de uma docência-artística, a partir das experimentações



REVISTA DA FUNDARTE

coletivas que deram origem ao *didaticário*. O encontro como experimentação em que forças se atravessam e produzem sentidos. Para aprender em um encontro, seria realmente necessário sentar, acomodar-se, obedecer? Seria o encontro apenas expositivo, reduzido a uma forma passiva de recepção? O aprender, ao contrário, move-se para além de um corpo sentado, acomodado e obediente: ele pulsa, desloca, inquieta. Um encontro que aprende, ou que faz aprender, requer abertura aos corpos, às intensidades e às diferenças que instigam, tensionam e fazem variar os modos de sentir e pensar.

Durante o encontro entre docentes que traçam, coletivamente, o movimento de artistar a docência. Corazza (2009, p. 102) afirma que “o coletivo não prejudica nem atenua a individuação, mas a persegue e aumenta a sua potência, desde que tal continuidade concerne àquela parcela de realidade pré-individual que o primeiro processo de individuação não resolverá”. É nessa zona de indiscernibilidade entre o individual e o coletivo que a criação se faz pela potência das singularidades, impulsionada pelo desejo que move os corpos no encontro (Figura 1).

**Figura 1 – Encontro**



*Fonte: Arquivo da pesquisa.*

A Figura 1, apresentada acima, evidencia essa abertura dos corpos ao encontro. Ainda mais quando tais corpos se percebem atravessados pela desconfiança diante do que está por vir, fazendo emergir a lembrança de um



REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

parafraseamento de Deleuze e Guattari (1977, p. 42), que se fez artistagem no instante inicial. É ele:

> [Artistar]
> como um cão que faz seu buraco,
> um rato que faz sua toca.
> E, para isso,
> encontrar seus próprios pontos de subdesenvolvimento,
> [a sua didática],
> seu próprio terceiro mundo,
> [a sua própria docência][1].

Posto isso, em conversação com os/as docentes, trata-se de performar uma docência que (com)fabula, artista, escrileitura, cria e inventa no risco próprio da criação. Isso se intensifica à medida que sentimos os agitos e os silêncios que atravessam os/as docentes em seus repousos inquietos, no intervalo entre um gesto e outro, entre forças que apontam para "[...] dar vida, libertar a vida onde ela está aprisionada, traçar linhas de fuga" (Deleuze, 1992, p. 180).

É nesse entrecruzamento entre arte, filosofia e ciência que se anuncia uma vida amazônida em transcriação, cuja "[...] natureza é constituída pela tradução de perceptos e afetos (criados nas artes), de funções (criados na ciência) e de conceitos (criados na filosofia)" (Corazza *et al.*, 2014, p. 1034), instigando os/as docentes a habitarem processos de criação e invenção. Percebemos, nos olhares, a alegria como força de criação, fazendo da metodosofia da pesquisa "[...] um ato de criação que nos fazia planejar para o caos, viver para o desconhecido e emergir no inesperado" (Soares, 2025, p. 118). Nesse enamoramento do encontro, compreendemos a experimentação por sua capacidade de traduzir acontecimentos e produzir efeitos artistadores: forças que afetam e se deixam afetar, desdobrando-se em novas maneiras de sentir, existir e criar. Trata-se de uma experimentação que engendra uma educação amazônida que revoluciona o próprio viver.

Conectamo-nos à artistagem como quem se arrisca em uma sala de aula povoada por variações múltiplas, disjunções inclusivas, linhas de vida, pontos de vista em movimento e processos de desterritorialização que afirmam o impensado.

[1] Texto Original: "Escrever como um cão que faz seu buraco, um rato que faz sua toca. E, para isso, encontrar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto".

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

Trata-se da criação de docências-artísticas que escapam à captura do poder e da norma, constituindo-se como potências intensivas no seio da diferença. Quando docentes falam da criação de docências-artísticas que sejam suas, autorais, é a própria diferenciação que se atualiza nesses corpos. Trata-se, portanto, de um convite a deixarmo-nos afetar pela "vibração de uma prática" que pulsa no corpo como acontecimento, convocando-nos à escuta daquilo que insiste em nascer no intervalo vivo entre o que se é e o que ainda se pode ser.

Nessas afecções, em ressonância com Spinoza (2019), os corpos deixam-se atravessar pelo mundo, instaurando uma pergunta que ecoa como um tambor entre os/as docentes: o que pode um corpo? Pode afetar e ser afetado, respondemos. É nesse encontro intensivo entre corpos que vislumbramos a artistagem. Somos corpos em relação, corpos que se cruzam, se tocam e transbordam. Quando nos deixamos afetar pelos modos de existir de outros corpos, algo em nós se transforma: aumentamos ou diminuímos, expandimos ou nos retraímos. E é no encontro alegre, aquele que potencializa a vida e amplia nossa capacidade de agir, que a artistagem se intensifica como força de criação.

A artistagem, nesse sentido, é essa (trans)criação. É o acontecimento do (des)formar que irrompeu na brecha de nosso *didaticário*. Não sabíamos o que seria feito; o nome ressoou posteriormente. Não como método, mas como dobra de tempo e de corpo, como vibração que escapa à captura. Consistiu em um acontecimento de criação de si com os outros, nos choques e cintilações das escrileituras que engendramos no coletivo. Uma travessia onde o *didaticário* possibilitou a conexão entre corpos, constituindo um campo de forças, um espaço de variações, um mapa em (des)mutação.

Expressar uma transcriação na educação amazônida implicou permitir que o corpo vibrasse em suas potências, exprimindo os blocos de sensações que o atravessam como matéria de expressão que liberta e, ao mesmo tempo, se liberta. Essa matéria "[...] não fica por aí. Ela passa por aí" (Deleuze; Guattari, 2012, p. 131). Nesse sentido, o *didaticário* atravessa, arrasta, risca, gagueja e escapa; e é justamente nesses movimentos que devém estilo, constituindo uma linguagem outra que se produz na dobra do sensível.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Outro estilo de *didaticário* irrompeu em nosso encontro, no compasso dos corpos que se afetavam mutuamente, como uma *performance* improvisada no calor do acontecimento. As afecções, em seus desdobramentos, tornaram-se potência de criação. O *didaticário* fez-se, então, um feixe de devires, no qual a didática opera como contágio. Essa composição (re)inventa-se como escritas-corpos, como uma artistagem educativa que se arrisca no aqui-agora em fuga, no devir sensível da experiência amazônida, cujos movimentos serão explorados na próxima seção.

**O que pode a criação coletiva de um *didaticário* em infinitivo na educação amazônida?**

Nesta seção, discutimos como o *didaticário* em infinitivo, produzido coletivamente, opera como dispositivo de criação docente, evidenciando seus efeitos na/pela Amazônia. Trata-se de um ato intempestivo de ruptura, de desterritorialização e de devir-outro, que não apenas atravessa a linguagem, mas a coloca em estado de variação contínua. Espraia-se como rizoma, fazendo brotar outras formas de expressão que precedem e, por vezes, devoram as formas de conteúdo, instaurando um plano onde o dizer e o fazer se implicam mutuamente em um movimento de criação. Nesse sentido, o *didaticário* não se limita a organizar saberes; ele os convoca à produção de novas consistências.

Para o *didaticário*, que acolhe e intensifica os movimentos de didatizar no infinitivo, emitimos devires como quem desencadeia o vento, dando corpo e nome a um processo vivo. Movidos pelo abecedário de Aquino e Corazza (2009), rabiscamos as educações como quem (trans)cria um mapa sempre inacabado, preparando e desorganizando o conhecimento para que ele possa ser contaminado e reconfigurado na e pela docência amazônida. Trata-se de um gesto que semeia palavras-feixe, abrindo passagens para que o *didaticário* se mova como o rio em cheia e vazante, tocando margens, dissolvendo fronteiras e engendrando outras possibilidades de existência curricular. Aqui, ao didatizar, vive-se como acontecimento e variação.

O desejo pulsa no *didaticário*, fazendo-o vibrar como um campo intensivo de forças, na medida em que a docência-artística experimenta e transcria um educar



REVISTA DA FUNDARTE

que é, simultaneamente, inventar, poetar, compor e resistir. Trata-se de uma docência que se arrisca no entre, que habita o limiar entre o ensinar e o criar, instaurando práticas que desobedecem às formas majoritárias de organizar o saber. Nesse plano, o *didaticário* opera como dispositivo de desvio, abrindo linhas de fuga que afirmam uma educação amazônida menor.

Aquino e Corazza (2009, p. 9) referem-se a esse movimento como:

> [...] disparatado, subversivo e falso desconcertante, perturbador, enigmático
> põe-se em perspectiva
> age nos labirintos do pensamento dos autores
> reinventa-os
> irrita-se com suas dificuldades
> convive com seus gostos e desgostos
> bola-de-emoção apaixonada
> meio-leitura/meio-escritura/meio-fala
> gagueja
> feito duplo, ventríloquo, mascarado
> meta-dissertação, sem-sentido, fora-da-lei
> anti-comentário, extra-significação
> belo para si
> fazedor de tilt em mim
> pura-poesia pura-encenação.

O *didaticário* poético, atravessado por uma vontade de potência, afirma-se como criação alegre e inventiva. Recusa ser capturado pela máquina triste que insiste em padronizar, empobrecer e apagar as cores da educação amazônida. Essa vontade não se dobra à Didática que desce de cima (Macro!), pois, nela, a docência não se reduz à mão de obra da ordem. Ao contrário, constitui-se como um corpo pulsante de invenção, um sopro que engendra didáticas e currículos como experimentações em conexão com a vida amazônida.

Compor um *didaticário* no infinitivo é fazer dançar os verbos, arrancando-os das amarras da gramática normativa e liberando palavras e corpos da prisão sintática, para poderem correr na terra molhada, flutuar nos rios e esvoaçar com os pássaros. Trata-se de uma (trans)criação dos verbos em seu modo de amazônidar, compondo, junto ao chão da sala de aula, com docentes, habitações e educações que se fazem no encontro. Como se observa na Figura 2, materializa-se visualmente esse processo de invenção verbal e conceitual, produzido no coletivo das forças territoriais, culturais e sensíveis que atravessam a docência.



REVISTA DA FUNDARTE

**Figura 2 – Amazônid(ar)**



*Fonte: Arquivo da pesquisa.*

A figura assinala o processo de criação coletiva, tornando visíveis os agenciamentos que constituem o *didaticário*. Tal como um rio que recusa o represamento ou como o vento que se oculta e reaparece no inesperado, esses movimentos não se deixam fixar. Ao contrário, abrem linhas de fuga que resistem à captura pela função representativa da linguagem. Compor um *didaticário*, nesse sentido, é cartografar fluxos de docência-artística que transbordam, vibram, inventam, diferem e (trans)criam. Trata-se de acompanhar intensidades que constroem e desconstroem palavras em movimento, desterritorializando-as de sua pretensa objetividade e lançando-as ao risco do desconhecido, onde o dizer deixa de fixar sentidos para produzir mundos.

Propomos, assim, que docentes emitam seus signos e criem um *didaticário* que opere como uma máquina de guerra contra o modelo maior. Um *didaticário* que se expande entre raízes e rios, confluindo afectos, saberes e territórios. Configura-se como um corpo sem órgãos de palavras no infinitivo, no qual o verbo “educar” se encontra com “amazônidar”, “escutar”, “navegar”, “transver”, “viver”, entre outros, compondo, como se, juntos, traçassem uma constelação nômade em (trans)criação.

O *didaticário* em infinitivo apresentado a seguir resulta de uma experimentação coletiva realizada com docentes, constituindo-se como um campo de enunciações que expressa intensidades, afetos e criações emergentes do encontro. Sigamos, então, por alguns de seus rastros:

a) Amazônidar, Acontecer: Amazônidar é permitir que a educação tome a forma da floresta úmida, densa, múltipla. É deixar que o saber aconteça sem

Volume 2026
ISSN 2319-0868

antecipação, no tempo do igarapé, entre pausas e redemoinhos. Acontecer é resistir à aula pronta: é deixar-se ser aula com os outros, com os bichos, com os cheiros, com a lama e a brisa do rio;

b) Bordar, Boiar: Bordar é fazer da aula um tear de afectos, cruzar saberes como linhas de uma rede que se arma entre as palafitas. Boiar é flutuar nos rios da experiência, deixando-se levar sem perder o corpo com o pensamento solto, mas os pés na água;

c) Corpar, Caminhar: Corpar é deixar o corpo ensinar como gesto que pensa, que sente, que devém. Caminhar é abrir picadas no mato fechado do currículo, errando o rumo para acertar a vida;

d) Desejar, Didatizar: Desejar é não ceder à lógica do conteúdo: é querer com o outro, criar com o outro, arriscar mundos juntos. Didatizar, aqui, é desobedecer à didática pronta, é recriá-la com cheiros, sons, texturas, deixando que a prática ensine a teoria;

e) Escutar, Escriler: Escutar o silêncio das águas, os sussurros dos estudantes, o que não é dito. Escriler é remexer o açaí, misturando leitura e escrita com paciência, intenção e vigor;

f) Fugir, Festejar: Fugir do planejamento que aprisiona, da avaliação que rotula. Festejar é fazer da aprendizagem um tambor, um batuque, uma roda de dança em que se aprende rindo, suando, existindo;

g) Gaguejar, Gritar: Gaguejar é deixar que a linguagem falhe, tropece, se reinvente. Gritar é afirmar a existência num grito de resistência, de presença viva, de quem não se curva ao silêncio imposto;

h) Habitar, Honrar: Habitar o tempo, o cheiro da sala que também é roçado. Honrar os saberes dos mais velhos, dos que vieram antes, dos que ensinaram sem escola com o olhar e com a mão calejada;

i) Iguarapear, Imaginar: Iguarapear é mover-se por dentro das águas miúdas, desviando das pedras, aprendendo com as curvas. Imaginar é o ato radical de sonhar mundos outros;

j) Juntar, Jogar: Juntar palavras, histórias, corpos, bichos, silêncios. Jogar como quem ensina brincando e aprende errando, tornando o erro ponto de partida;

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

l) Lançar, Lembrantar: Lançar sementes de dúvida, desejo, inquietação. Lembrantar é lembrar sentindo, afectando-se pelas memórias que o corpo carrega: da infância, da enchente, da seca, do tempo dos bichos;

m) Mergulhar, Movimentar: Mergulhar nas águas turvas do não saber, onde habita o mistério. Movimentar é agitá-la como o remo na canoa, abrindo caminhos no breu;

n) Navegar, Nutrir: Navegar entre saberes ribeirinhos, urbanos, científicos e populares. Nutrir os encontros e os afectos que fazem da aula um alimento, não um regime;

o) Ouvir, Observar: Ouvir as pausas, os corpos, os silêncios, os sussurros. Observar como quem se deixa atravessar, nos poros, com o corpo inteiro e com o espírito atento;

p) Pescar, Potencializar: Pescar saberes que nadam fora do currículo, nas margens do tempo e da norma. Potencializar o que cada um pode, mesmo que escape à régua da escola;

q) Querer, Questionar: Querer a vida como método. Questionar o óbvio, desnaturalizar o “sempre foi assim”, abrir rachaduras na estrutura, deixar entrar o mato;

r) Respeitar, Ressoar: Respeitar como escuta ativa, não como submissão. Ressoar é vibrar com o outro, deixar que a aula reverbere além do quadro, da prova, do tempo-escola;

s) Sentir, Subir: Sentir é permitir-se afectar, atravessar, estremecer. Subir é alçar voo com asas improvisadas nas palavras, nas ideias, nos devires;

t) Trilhar, Transver: Trilhar rotas próprias, ainda que tortuosas. Transver é enxergar com os olhos do coração e da imaginação;

u) Unir, Ultrapassar: Unir forças, corpos-vidas, desejos. Ultrapassar os muros, os limites, os medos, as tristezas;

v) Viver, Vazar: Viver a aula como quem vive um ritual, com intensidade. Vazar o currículo para escorrer, transbordar, contaminar o mundo e ser contaminado por ele;

w) Workar: Workar é trabalhar no erro, com o erro, através dele;

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

x) Xamanear: Xamanear significa trazer os encantamentos para o ambiente escolar, permitindo que o invisível ensine e que o espiritual exale sua didática sutil;

y) Yippee-se: Yippee-se é gritar de alegria, é afirmar o prazer de aprender como quem pula no rio, como quem canta em alto-maré, sem vergonha de sorrir;

z) Zarpar, Zelar: Zarpar rumo ao desconhecido, com coragem de deixar para trás o que já não pulsa. Zelar pelos encontros alegres, pelas pequenas belezas, pelo que se cria e escapa em cada aula.

Os verbos produzidos evidenciam deslocamentos na docência, configurando o didaticário como expressão das transformações engendradas no processo investigativo. Eles tornam visíveis invenções (po)éticas que se abrem ao imprevisível, afirmando-se como forças que escapam à linearidade da história e às formas fixas de ensinar. Ao traçarem linhas de fuga, instauram um sistema sempre inacabado, em permanente movimento e diferenciação, no qual a docência se reinventa como campo de (trans)criação.

Trata-se, assim, de uma cartografia (po)ética tecida por palavras. Uma composição intensiva de forças que escorre pelas margens do instituído e tensiona suas bordas. As palavras que constituem este *didaticário* lançam-se na artistagem não para representar uma Amazônia cristalizada, mas para inventar, afetar, deslocar e compor outras Amazônias possíveis.

Como nos lembra Deleuze (1992, p. 47), as palavras “são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos”. Nessa direção, cada corpo-docente se compõe no e com o *didaticário*, não como identidade, mas como um campo de intensidades. E aquilo que “há de interessante, mesmo numa pessoa”, são precisamente as palavras que a atravessam, aquelas que ela toma emprestado, reinventa e faz proliferar. Abrem-se como sementes lançadas ao imprevisível, florescendo no tempo próprio de seu acontecer, prolongando-se para além de si, em um movimento que continua a (trans)criar e diferir.

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

## Algumas considerações *porvir*

Neste texto, vibramos com a criação afectiva de um *didaticário*, em um movimento que se intensifica a partir de três eixos que se entrelaçam como linhas de fuga, abrindo planos de consistência onde docência-artística, pesquisa e arte se confluem. O *didaticário* opera como um dispositivo intensivo que atravessa e compõe o próprio corpo do texto, instaurando um plano de imanência no qual funciona como uma máquina de produção de sentidos, convocando o pensamento.

Pensar o *didaticário* com Corazza (2012) é afirmar a sensibilidade como eixo molecular do fazer-se outras docências, como força que desterritorializa a educação amazônida em seus regimes de verdade. Trata-se de tensionar a pesquisa e os modos instituídos de ordenar quem pode (e como pode) produzir conhecimento. Nesse sentido, o *didaticário* configura-se também como um gesto político-estético que rompe com políticas de identidade que fixam posições culturais e ontológicas, abrindo passagens para existências não representáveis.

Habitar uma docência-artística nas zonas marginais da invenção cotidiana e da vida amazônida, movida por sensibilidades outras, faz-nos (des)aprender o que significa “ser docente”. Entramos, assim, em uma zona de vizinhança com docentes e com outros modos de escriler, sentir, experimentar, fazer e existir, onde a docência se deixa contaminar por naturezas humanas e não humanas. Nesse movimento, o *didaticário* afirma-se como uma (trans)criação por permanecer como um lugar aberto a invenções outras.

Ao compor um *didaticário* na Amazônia, resistimos à ordem discursiva majoritária, traçando linhas de fuga que escapam às visibilidades macroscópicas e aos dispositivos que buscam capturar o ato educativo. Em seu lugar, faz-se emergir uma Amazônia tocada e retocada pela delicadeza, habitada por sujeitos que nunca deixaram (e nunca deixarão) de variar-se nela e com ela. A invenção desse *didaticário* ancora-se em um modo de ver que produz sentidos e sensações, fazendo fluir alegria e bem-estar; um olhar atento à potência dos movimentos micropolíticos na sala de aula, às modulações quase imperceptíveis que, silenciosamente, alteram a paisagem educativa.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Nesse processo metodosófico, habitamos outros territórios nos quais o *didaticário* se apresenta como uma aposta na felicidade de vidas que se tomam a si mesmas como obra inacabada. Sua presença reinventa a beleza onde antes se encontrava apenas um abandono cinzento; afirma a possibilidade de descartar docências dogmáticas e currículos que visam enquadrar o pensamento, instaurando, em seu lugar, currículos menores, provisórios, atravessados pela arte. Desse modo, o *didaticário* potencializa a (trans)criação ao impulsionar a invenção de nossa própria condição poética e onírica (Valéry, 2007), implicando a(s) Amazônia(s) em processos contínuos de criação.

Há, portanto, no *didaticário*, uma dimensão "[...] pragmática, por privilegiar a ação operatória de perceptos, afectos, funções e conceitos (...)" (Corazza, 2011, p. 6), que o inscreve como metodosofia. Nesse movimento, o *didaticário* não se fecha em respostas, mas lança perguntas que abrem novas composições: como tornar-se prática cotidiana sem se fossilizar? Que outras experimentações podem emergir ao cartografá-lo? Como seguir artistando a docência em outra(s) Amazônia(s), fazendo da sala de aula um plano de composição sempre aberto?

**Referências:**

AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara (Org.). **Abecedário**: educação da diferença. Campinas: Papirus, 2009.

CAMPOS, Haroldo. **Da transcriação poética e semiótica da operação tradutora**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2011.

CORAZZA, Sandra Mara. **Os cantos de Fouror**: escrileitura em filosofia-educação. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

CORAZZA, Sandra Mara. O docente da diferença. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 91-110, 2009. DOI: https://doi.org/10.12957/periferia.2009.3422.

CORAZZA, Sandra Mara. **Didaticário de criação**: aula cheia. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: Doisa, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara. Didática da tradução, transcriação do currículo (uma escrileitura da diferença). **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 26, n. 1, p. 105–122, 2015. DOI: https://doi.org/10.1590/0103-7307201507609.

CORAZZA, Sandra Mara. A-traduzir o arquivo da docência em aula: sonho didático e poesia curricular. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 35, p. 1-25, jan./dez, 2019. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-4698217851.

CORAZZA, Sandra Mara. Metodosofia: contrato de tradução. In: CORAZZA, Sandra Mara (Org.). **Métodos de transcriação**: pesquisa em educação da diferença. São Leopoldo: Editora Oikos, 2020. p. 13 – 33.

CORAZZA, Sandra Mara; RODRIGUES, Carla Gonçalves; HEUSER, Ester Maria Deher; MONTEIRO, Silas Borges. Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 1029-1043, out. 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/S1517-97022014121435.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, v.1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonzo Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, v. 4. Tradução de Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículos**: teorias e políticas. São Paulo: Contexto, 2023.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SOARES, Guilherme Araújo. **O que pode uma educação financeira entredisciplinar**: experimentações da artistagem docente com projetos em uma escola da periferia de Manaus. 2025. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2025.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. 2. ed. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SOARES, Guilherme Araújo; DOLZANE, Maria Ione Feitosa. TRANSCRIANDO O ARQUIVO DA DOCÊNCIA: INVENÇÕES (PO)ÉTICAS DE UM DIDATICÁRIO EM INFINITIVO COM A AMAZÔNIA . **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 2026, p.1-20, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
**ISSN 2319-0868**

VALÉRY, Paul. **Variedades**. Tradução de Maiza Martins de Siqueira e João Alexandre Barbosa. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2007.

Recebido em:29/08/2025.
Aceito em:23/04/2026 .
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

**Guilherme Araújo Soares**
Doutorando em Educação em Ciências na Amazônia pela Universidade do Estado do Amazonas. Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Amazonas. É integrante do Grupo de Pesquisa Conexões - Epistemologia, Tecnologia, Formação e Ensino no Contexto Amazônico
**ORCID:** https://orcid.org/0000-0003-3146-8303
**E-mail:** guilhermearaujo.soares18@gmail.com

**Maria Ione Feitosa Dolzane**
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Amazonas. Professora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas -UFAM - atuando no Centro de Educação a Distância na área de Gestão de Projetos e Sistemas para a Educação a Distância. Professora orientadora do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPG-ECIM). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Conexões: Epistemologia, Tecnologia, Formação e Ensino no contexto amazônico (UFAM/CNPq).
**E-mail:** ioneedolzane@ufam.edu.br

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/